



## **Ação cultural e cidadania: uma experiência com jovens em Juiz de Fora<sup>1</sup>**

Bruno FUSER<sup>2</sup>

### **Resumo**

O texto descreve e discute uma oficina de fotografia desenvolvida com jovens adolescentes do Dom Bosco, um bairro pobre de Juiz de Fora, Minas Gerais, realizada em projeto de extensão e pesquisa denominado Comunicação, Memória e Ação Cultural. A partir de conceitos de cidadania e ação cultural e de tecnocultura, procura-se refletir em que medida as ações - em especial as fotografias compostas pelas jovens - desenvolvidas durante a oficina se caracterizam como exemplos de algumas práticas culturais, como tecnonarcisismo, cultura popular, superação de valores de mercado e de consumo, ou sua repetição. Foram realizadas 14 sessões semanais da oficina, de março a junho deste ano, com oito jovens entre 13 e 16 anos, nas dependências do Grupo Espírita Semente, entidade com quem o projeto - que conta com apoio da FAPEMIG - possui parceria para várias atividades em perspectiva intergeracional.

**Palavras-chave:** Cidadania cultural; Culturas populares; Inclusão digital; Democracia e cultura; Tecnologias de comunicação e informação

### **Introdução**

Já discutimos em outros momentos<sup>3</sup> as possibilidades e limitações das diferentes formas de apropriação das tecnologias digitais na perspectiva de construção da cidadania. Os conceitos de inclusão e exclusão digital tendem a ser desenvolvidos de formas bastante diferenciadas,<sup>4</sup> seja como forma de reforço de oligopólios (com ênfase em aprendizado técnico, sob hegemonia de fabricantes de produtos de informática), seja na perspectiva de produção de conhecimento e construção de processos cognitivos questionadores, diversificados, de uma comunicação comunitária ou popular contra-hegemônica.

A partir dessas discussões, e da aproximação com a reflexão sobre cultura e gerações, desenvolvemos projeto denominado Comunicação, Memória e Ação Cultural.<sup>5</sup> O projeto conta com apoio da Fapemig, para Extensão em Interface com Pesquisa, de dezembro de 2008 a dezembro de 2010. Neste texto apresentaremos

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA/USP; professor adjunto da UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: [bruno.fuser@ufjf.edu.br](mailto:bruno.fuser@ufjf.edu.br). Colaboraram o bolsista de apoio técnico Marcos Antonio de Oliveira Santos, jornalista, e a bolsista de extensão Lívia Carolina Gouvêa de Faria, aluna de Jornalismo da UFJF.

<sup>3</sup> Ver por exemplo FUSER, B. **Telecentros comunitários em Juiz de Fora: alternativas de apropriação das tecnologias digitais**. Disponível on line em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0277-3.pdf>.

<sup>4</sup> Ver por exemplo LEMOS, A. e COSTA, L.F. Um modelo de inclusão digital: o caso da cidade de Salvador. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**. [www.eptic.com.br](http://www.eptic.com.br), Vol. VIII, n. 6, Sep. – Dic. 2005; MORAES, D. de. “A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática”. Em: MORAES, D. de (org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro : Mauad X, 2006.

reflexões iniciais proporcionadas por uma dimensão específica do projeto, uma oficina de fotografia (que também incluiu, com menor ênfase, produção de vídeo) com oito meninas adolescentes moradoras do bairro Dom Bosco, de Juiz de Fora (MG).



(A partir de cima, e esq.): Andreska, Angélica e Geisilane; Evelyn e Kerolayne; Eliziane (Foto: Marcos)

### **Cidadania e ação cultural**

O projeto Comunicação, Memória e Ação Cultural, de forma geral, está centrado na produção cultural – entendida aqui de forma ampla, além das artes e do entretenimento – a partir de oficinas em que assume importância central a construção de histórias de vida dos velhos e a de narrativas sobre a vida do bairro, com participação de integrantes de outras gerações. Em torno da coleta e produção dessas narrativas, como documentos sobre a história da coletividade, estão sendo envolvidas outras instâncias do bairro, como escolas, posto de saúde, ONGs e igrejas, com participação, assim, de velhos, adultos e jovens na produção de vídeos, história das famílias, do próprio bairro, das perspectivas de futuro e análise de presente e passado das diversas gerações.

O envolvimento da população na coleta de informações e na elaboração de produtos audiovisuais, assim como a aproximação com entidades locais, pretende ao

<sup>5</sup> Projeto elaborado pelo autor deste texto e pelas professoras da Faculdade de Serviço Social da UFJF Josimara Delgado, doutora em Serviço Social pela UFRJ, e Estela Cunha, doutoranda em Serviço Social na mesma instituição.



mesmo tempo realizar experiência de cidadania cultural e contribuir para a formação / fortalecimento de um movimento social em rede, que facilite a conquista de melhores condições de vida dos moradores do bairro Dom Bosco, onde o projeto se desenvolve.

Como define Canclini, cultura é "o conjunto de processos simbólicos através dos quais se compreende, reproduz e transforma a estrutura social" (CANCLINI, 1988, p. 29), processos esses gestados por homens determinados, a partir de determinada formação econômico-social. Essa é também a perspectiva, por exemplo, de Carlos Guilherme Mota, que apresenta dois conceitos de cultura que consideramos importante salientar: "conjunto de produções mais ou menos articuladas num mesmo universo comum de símbolos" (MOTA, 1978, p.47).

Teríamos inúmeros outros conceitos com que trabalhar, ou problematizar. Bourdieu, por exemplo, afirma que "cultura (...) é, sobretudo, um conjunto de esquemas fundamentais, previamente assimilados" (BOURDIEU, 1974, p.349), cuja representação do mundo seria "imediatamente ajustada à estrutura das relações sócio-econômicas" (id., p. XII). Para Marilena Chauí, cultura é "uma ordem simbólica que exprime o modo pelo qual homens determinados estabelecem relações determinadas com a natureza e entre si e o modo pelo qual interpretam e representam essas relações" (Chauí, em VALLE e QUEIROZ, 1979, p. 123). Vale ressaltar que Chauí e Mota destacam a relação que tal ordem simbólica ou ideologia estabelece com a maneira de os homens se organizarem, entre si e com a natureza, portanto, considerada uma formação econômico-social dada. Para analisar cultura temos de interpretá-la, portanto, num quadro de relacionamento do homem consigo e com a natureza, com essa formação econômico-social específica.

Em texto mais recente, Chauí destaca que, ao passar a significar o campo das formas simbólicas, "cultura passa a ser entendida como criação coletiva da linguagem, da religião, dos instrumentos de trabalho, das formas de habitação, vestuário e culinária, das manifestações do lazer, da música, da dança, da pintura e da escultura, dos valores e das regras de conduta, do sistema de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco e as relações de poder" (CHAUÍ, 2006, p. 131).

Chauí deixa claro como o conceito de hegemonia e de cultura são indissociáveis:

A hegemonia não é forma de controle sociopolítico nem de manipulação ou doutrinação, mas uma *direção geral* (política e cultural) da sociedade, um conjunto articulado de práticas, idéias, significações e valores (...) sentido experimentado como absoluto, único e irrefutável (...) hegemonia é sinônimo de cultura em sentido amplo e sobretudo de cultura em sociedade de classes (...) ela propicia o

surgimento de uma *contra-hegemonia* (outra visão de mundo) por parte daqueles que resistem à interiorização da cultura dominante” (CHAUÍ, 2006, p. 22-23).

A filósofa propõe “mudar o foco da questão”:

(...) sabemos que o lugar da cultura dominante é bastante claro: é o lugar a partir do qual se legitima o exercício da exploração econômica, da dominação política e da exclusão social. Mas esse lugar também torna mais nítida a cultura popular como aquilo que é elaborado pelas classes populares (...) segundo o que se faz no pólo da dominação, ou seja, como repetição ou como contestação, dependendo das condições históricas e das formas de organização populares” (idem, p. 133-134).

Assim, fica clara a concepção de Chauí de que é cultura popular aquilo que se produz seja como contestação mas seja também como repetição, quando tem como origem o pólo da dominação; retira assim o caráter necessariamente contestatório da cultura popular. O que remete à discussão das políticas ou ações que estimulam essas perspectivas criativas ou, ao contrário, referem-se essencialmente ao reforço do paradigma do mercado. A própria filósofa indaga: “O que seriam uma cultura da democracia e uma cultura democrática?” (idem, p. 135).

Ela rejeita a possibilidade de que o campo da criação cultural possa ser definido pelo prisma do mercado,

não só porque este opera com o consumo, a moda e a consagração do consagrado, mas também porque reduz essa forma da cultura à condição de entretenimento e passatempo, avesso ao significado criador e crítico das obras culturais. Não que a cultura não tenha um lado lúdico e de lazer que lhe é essencial e constitutivo, mas uma coisa é perceber o lúdico e o lazer no interior da cultura, e outra é instrumentalizá-la para que se reduza a isso, supérflua, uma sobremesa, um luxo num país onde os direitos básicos não estão atendidos” (ibidem).

A alternativa, defende Marilena Chauí, é ver a cultura como um campo específico da criação que busque “ultrapassar criticamente o estabelecido”: criação da imaginação, da sensibilidade e da inteligência que se exprime em obras de arte e obras de pensamento (ibidem).



Foto para o Dia das Mães (Foto: Angélica); e Evelyn e Bruno na oficina (Foto: Andreska)

As pessoas comuns, que estão no pólo da subalternidade, normalmente não são

identificadas como “artistas” na acepção mais comum da palavra, mas “também são produtoras de cultura, no sentido antropológico da palavra: são, por exemplo, sujeitos, agentes, autores da sua própria memória”. E, indaga a filósofa:

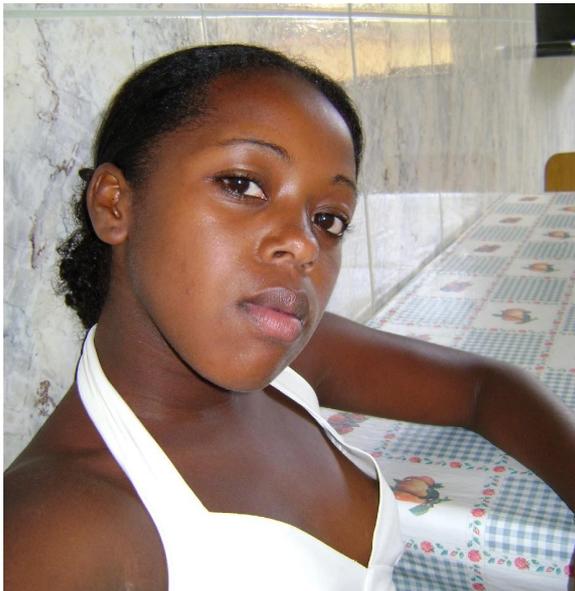
Por que não oferecer condições para que possam criar formas de registro e preservação da sua memória, da qual são sujeitos? Por que não oferecer condições teóricas e técnicas para que, conhecendo as várias modalidades de suportes da memória (documentos, escritos, fotografias, filmes, objetos etc.) possam preservar sua própria criação como *memória social*? Não se trata, portanto, de excluir as pessoas da produção cultural e sim de, alargando o conceito de cultura para além do campo restrito das belas-artes, garantir a elas que, naquilo em que são sujeitos da sua obra, tenham direito de produzi-la da melhor forma possível (id., 137-138).

Chauí defende que o Estado conceba a cultura como um direito do cidadão e, assim, assegure o direito de acesso às obras culturais e o direito de criá-las, produzi-las, fruí-las, além de participar das decisões sobre políticas culturais.

Trata-se, pois, de uma política cultural definida pela idéia de *cidadania cultural*, em que a cultura não se reduz ao supérfluo, ao entretenimento, aos padrões de mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideologia), mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes possa manifestar-se e ser trabalhada porque, no exercício do direito à cultura, os cidadãos, como sujeitos sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de cultura, criam outras e movem todo o processo cultural (idem, p.138).

Muniz Sodré (1996) também analisa a relação entre democracia e cultura. Para ele, vivemos hoje em uma sociedade mediatizada, com a aliança entre três fatores: comunicação, tecnologia e economia de mercado. Diz o pesquisador que esses fatores configuram uma tecnocultura, cultura da comunicação ou cultura mediatizada, "campo comunicacional enquanto instância de produção de bens simbólicos ou culturais", numa sociedade impregnada pelos “dispositivos maquínicos de estetização ou culturalização da realidade” (SODRÉ, 1996, p. 7).

O autor considera uma "ilusão supor que o poder dessa avançada esfera tecnológica esteja acima das diferenças reais de classe ou de apropriação da renda nacional". Também ele, como Marilena Chauí, a partir dessa constatação remete-se à questão da democracia. Democracia, "além da técnica universalista de governo, [é] prática de construção e reelaboração do sujeito social em sua cotidianidade", diz Sodré. "Tornar 'social' uma democracia equivale hoje a afetar todos os equipamentos da cultura por esse poder grupal das diferenças sociais implicado na experiência democrática" (SODRÉ, 1996, p. 84-85).



Andreska (Foto: Andreska) e Geisilane (Foto: Kerolayne)

Em outro texto Sodré discute mais a fundo a tecnocultura, na qual, de acordo com a análise do autor, se constroem normas de conduta individuais e próprias, porém, baseadas em um retorno positivo e afirmativo por intermédio da mídia e dos meios de comunicação – o reconhecimento narcísico no espelho.

Nesta atmosfera doutrinária e emocional, predomina um universalismo democratizante baseado em critérios de prazer ou de felicidade individual, que estimula o autocentramento egóico, típico do individualismo moderno, e a reconfirmação da identidade pessoal pelos múltiplos “espelhos” (as telas, as vitrines, as imagens de consumo) armados pela tecnocultura. Uma “boa” ação individual tende a depender muito mais da repercussão midiática (portanto, o reconhecimento narcísico no espelho) do que de motivações solidaristas avaliáveis por princípios de comunidade (SODRÉ, 2002, p.75)

Consideramos ser importante, ainda, discutir as iniciativas em defesa da cidadania cultural, inclusive em relação à inclusão digital, no contexto de ações culturais. Teixeira Coelho (1997) define ação cultural como parte de uma política cultural, conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, instituições públicas ou privadas, grupos comunitários ou ainda organizações não-governamentais com o objetivo de satisfazer “as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas” (TEIXEIRA COELHO, 1997, p. 293).

O que se propõe por objetivo na ação cultural não é a construção de projetos – individuais ou sociais – pré-estabelecidos, mas inseri-los, como afirma Teixeira Coelho (1986, p. 113), “contra um estado de coisas”, e dentro desta compreensão, a cultura –



intermediada pela ação - deve buscar em última instância a construção de indivíduos. Só a partir dessa percepção é que se pode, ainda conforme Teixeira Coelho (1986, p. 112), “pensar na constituição do coletivo, que é ao mesmo tempo contrário da massa e do indivíduo (é o contraditório da massa, mas não o contraditório do indivíduo)”. Portanto, o que deve nortear as ações culturais é a luta contra a apatia e os modelos impostos e preestabelecidos, um “estado de coisas”. Não se trata de construir uma determinada sociedade segundo determinações exógenas, mas confrontar indivíduos com a realidade, provocando a tomada de consciência de si mesmas e de seu entorno, estabelecendo um diálogo propositivo entre esses elementos (TEIXEIRA COELHO, 1986).

### **O bairro Dom Bosco**

O projeto busca interagir com os moradores das micro-áreas urbanas do Dom Bosco e Alto Dom Bosco, que, segundo o Atlas Social de Juiz de Fora, de 2006, possuem condição socioeconômica baixa e muito baixa (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 2006). De acordo com a mesma fonte, o Dom Bosco possui aproximadamente 300 domicílios, e o Alto Dom Bosco, 30 domicílios. O projeto se desenvolve com a parceria institucional do Grupo Espírita Semente, associação espírita localizada no bairro, que realiza há mais de 20 anos trabalho assistencial, em especial com atividades socioeducativas junto a cerca de 60 famílias de baixo poder aquisitivo, oferecendo apoio escolar, refeições, cestas básicas, atividades profissionalizantes e de cunho espiritual (ver [www.grupoespiritamente.com.br](http://www.grupoespiritamente.com.br))

O trabalho foi iniciado com os idosos, mas se estende a outras gerações. Atualmente, já participam do projeto – que se integrou com antigo projeto da Faculdade de Serviço Social da UFJF, o Nucleação, realizado no Grupo Espírita Semente - pessoas idosas com idades especialmente concentradas na faixa dos 60 a 80, mas com expressivo número de pessoas com mais de 85 anos (cerca de 20% dos idosos). São, sobretudo, mulheres (cerca de 86% dos participantes); possuem baixa renda (45% deles ganham até um salário e 36%, de um a dois), proveniente, em sua maioria, de aposentadorias (53%) e pensões (36%); e também baixa escolaridade (22% desses idosos não estudaram e 62% têm o primeiro grau incompleto).

Os idosos que participam do Nucleação são, na maioria, trabalhadores que desenvolveram variadas atividades enquanto mão-de-obra pouco qualificada: há muitas antigas empregadas domésticas, alguns operários de fábricas de baixa produção, lavadeiras, costureiras, faxineiras, pedreiros. Atualmente, poucas dessas pessoas desenvolvem alguma atividade remunerada (2,30%), havendo um grande número de

mulheres “do lar” (36,40%). Essas pessoas vivem, em sua maioria, em casas próprias (67%), acompanhadas de familiares (70%), havendo também alguns idosos que moram sozinhos (27%) ou com amigos (3%). Há uma grande porcentagem de viúvos no universo (60%), várias pessoas solteiras (15%) e algumas casadas (13%).



Casa no Dom Bosco (Foto: Kerolayne)

Outra pesquisa sobre o perfil dos idosos, coordenada pela professora Josimara Delgado, está em fase de interpretação. Já foi possível, a partir desse novo levantamento, efetuado no início de 2009, fazer a seleção dos idosos que dariam seus depoimentos, após verificação de quais perfis eram mais presentes naquele grupo. Foram realizadas cinco novas entrevistas de história de vida, além daquelas que apresentamos neste texto, e as mesmas já foram transcritas e estão em fase de categorização. Ao mesmo tempo, a equipe do projeto discute quais outras entrevistas serão realizadas para a busca de novas informações. Outras decisões estão sendo tomadas pela equipe de coordenação do projeto, em especial na perspectiva de integração intergeracional e de envolvimento de jovens na produção de material audiovisual e na coleta de informações sobre o bairro e seus moradores. Esta oficina se inseriu nessa perspectiva. Encerrada em junho, esta oficina foi substituída por atividade com jovens a partir de 16 anos – contamos atualmente com três moças, com idade entre



19 e 22 anos – que participarão nas entrevistas de história de vida, coleta de informações no bairro, como fotografias, articulação com entidades, registro fotográfico e em vídeo, edição de imagens e vídeo.

### **A oficina de fotografia com as jovens**

No início deste ano, na busca de envolvimento dos moradores na produção de material audiovisual e na coleta de informações, o projeto passou a desenvolver oficina de fotografia para jovens adolescentes do bairro. A seleção foi feita pelo Grupo Espírita Semente, onde a oficina se realizou, nas tardes de quinta-feira. As atividades começaram no dia 12 de março e se encerraram em 25 de junho. Foram selecionadas pelo Semente oito jovens, de 13 a 16 anos: Andreska, Karolayne, Eliziane, Angélica, Evelyn, Regiane, Geisilane e Graziela. Geisilane e Evelyn participaram de metade das atividades – Geisilane obteve vaga na Casa da Pequena Artesã, mantida pela Prefeitura de Juiz de Fora e que oferece cursos de artesanato, e Evelyn, a mais velha, saiu porque arranhou trabalho. Graziela participou apenas de dois ou três encontros, e apenas depois que metade das oficinas já haviam sido realizadas; efetivamente pouco se integrou às atividades.

Ao total foram 14 encontros, um deles numa terça-feira (28 de abril), durante os quais se explicou e praticou o funcionamento básico de máquinas fotográficas digitais (o projeto possui quatro câmeras Sony Cybershot), a edição de fotos em programas de computador (o Semente possui sete computadores para as oficinas, três deles fornecidos pelo projeto), a realização de vídeo com tais máquinas, a edição de vídeo em computadores, inclusive a realização de vídeo a partir de fotografias.

A realização de fotografias pelas jovens foi feita com a preocupação de captar a realidade do bairro e dos moradores a partir do olhar das adolescentes, e para isso alguns temas foram escolhidos, em discussões prévias com as meninas, para a realização de saídas no bairro para compor as fotos: o próprio entorno (as pessoas e atividades do Semente); a rua em que se localiza o Semente, os moradores dali; a escola do bairro (frequentada por muitas delas, possui apenas até o 5º ano do ensino fundamental), os alunos, as atividades; o Chapadão, ponto mais alto do bairro, seus moradores; fotos que mostrassem relação de afetividade; ser mãe no bairro; homenagem a uma colaboradora do Semente; a moda e outros comportamentos no bairro.

O aprendizado do uso das máquina foi fácil, mas muitas vezes os temas discutidos com as jovens eram abandonados por elas, que compunham permanentemente fotos autocentradas. Em conversa preliminar, todas, ou quase todas, disseram ter orkut e que

costumam postar fotos nesse site de relacionamento. Em outras atividades nos computadores isso se confirmou, pois algumas delas deixavam em certos momentos de desenvolver o que era proposto para fazer uso dos computadores como se estivessem numa *lan house*.

Durante a oficina, percebeu-se que elas tendiam a fazer fotos com teor narcisista, e especialmente de cunho erótico, mais ou menos aparente. Há muitas fotos com destaque às pernas, aos seios, à bunda, à boca e à língua. Igualmente fotos delas junto a carros e motos estacionados nas ruas. Este comportamento pôde ser interpretado como uma busca permanente por autoafirmação. Seja como menina-mulher sexualmente atraente – admirada, desejada e disputada – seja, por outro lado, através do fetiche pela mercadoria. Isto se apresenta nítido nas fotografias delas diante de produtos de elevado valor financeiro e que não condizem com a realidade cotidiana e nem com o poder aquisitivo da família destas garotas.



Fotos para o Dia das Mães (à esq., Foto: Regiane; à dir., Foto: Graziela)

Mas também realizaram fotos de mulheres, amigos, crianças, rapazes, situações de afetividade, de falta de infra-estrutura do bairro. As jovens possuem e demonstraram forte sentimento de pertencimento ao bairro e à comunidade e, mesmo que de forma não expressa, valorizaram e destacaram – nas imagens – lugares e pontos específicos do Dom Bosco. Exemplos são afirmações como: “Agora tira uma foto minha aqui... Agora uma foto minha ali... Ainda não tirei uma foto minha em frente àquele lugar”. É como

que inconscientemente elas registrassem os diversos pontos do bairro tendo elas como protagonistas na imagem registrada.

Assim, foram fotografadas casas, moradores, jovens, crianças, velhos, paisagens, ruas, problemas urbanos – como lixo e transporte público – enfim, aquilo que as garotas veem diariamente e que faz parte do cotidiano do bairro Dom Bosco. Pode ter contribuído para essa percepção a discussão realizada durante a oficina, de que elas buscassem manifestar a sua sensibilidade visual, e que dividissem o “foco” das fotografias da própria imagem para as coisas e pessoas do bairro. Para isso, além das conversas, foi apresentado um vídeo com fotos de profissionais renomados – como Sebastião Salgado, mostrando inúmeras possibilidades da fotografia.

Houve no decorrer da atividade uma oscilação entre interesse e desinteresse. Propostas muito semelhantes – por exemplo, interagir com pessoas do bairro, fotografá-las - às vezes encontrou adesão, às vezes forte resistência. De qualquer maneira, a postura da equipe de coordenação foi, o tempo todo, de aceitação e diálogo com as jovens, sem excluir aquela(s) que, ao invés de desenvolver(em) a atividade acertada, ficava(m) conversando sobre uma festa ou qualquer outro assunto. Ao contrário, percebeu-se que importante elemento que permitiu desenvolver a atividade foi o respeito a esse comportamento disperso, “indisciplinado”, heterogêneo, que elas manifestavam a todo momento. A afetividade e companheirismo também pareciam ser elementos mais importantes entre duas delas, Eliziane e Kerolayne, do que as próprias atividades da oficina. Ou seja, a atividade se transformou em parte numa brincadeira, numa forma de passar o tempo e ver as amigas e os integrantes do projeto.

Na visita à Escola Municipal Álvaro Braga de Araújo, a interação entre as jovens e as pessoas que fazem parte da rotina escolar foi intensa. Crianças, professoras, funcionárias representaram uma demanda para que as adolescentes estendessem o olhar para algo além da própria imagem. Fotografias as mais variadas ajudaram a contar o cotidiano daquela escola, e estabelecer um elo entre o local e seus integrantes com as histórias das garotas e de outras pessoas do Dom Bosco. Elas é que sugeriram fazer fotos na escola, que possui papel importante no bairro, uma referência citada por todas as garotas. Segundo elas, era um lugar onde gostariam e teriam coisas boas e bonitas para fotografar.

Outro espaço sugerido por elas foi o Chapadão, parte mais alta do bairro, conhecida por ser mais violenta, mais pobre e pelo tráfico de drogas. Os rapazes, ali, fizeram poses num estilo bem caracterizado da periferia, um gesto com as mãos que

simboliza “vida loka”, o nome de uma música do grupo de *rappers* Racionais Mc, expressão popular nas periferias e que simboliza a vida na favela, de medo opressão, violência e ao mesmo tempo de luta e sacrifício.

Uma atividade foi proposta pela equipe do Grupo Espírita Semente, a produção de um vídeo a partir de fotos a serem feitas pelas jovens no bairro, sobre “ser mãe no Dom Bosco”. Para isso, a psicóloga do Semente conduziu previamente um debate sobre o tema com as jovens, a partir de três indagações: O que é ser mãe? E o que é ser mãe no bairro? Como você seria mãe?

Na discussão sobre a primeira pergunta, as respostas foram aquelas de senso comum: dar carinho, proteção, atenção. Na segunda questão, o contraste: a discussão sobre ser mãe na comunidade levou a inúmeras respostas em que aparecia intensamente a questão da violência. Deixar o filho na rua, ou trancado em casa, bater no filho, não dar atenção, deixar com fome, foram algumas das respostas. Na terceira e última questão, retornava-se às respostas de senso comum: serei mãe carinhosa, protetora, etcétera.

Em seguida as jovens – estiveram presentes nesse dia apenas cinco delas – foram divididas em quatro grupos, e, acompanhadas por voluntárias coordenadas pela psicóloga do Semente, saíram ao bairro para tentar fotografar situações que ilustrassem a discussão realizada anteriormente. A tarefa não foi fácil, especialmente no que diz respeito à violência doméstica e infantil, mas foram compostas muitas fotos sobre a relação mãe-filho/a. Verificou-se que há no bairro muitas mulheres que, além de cuidarem de seus filhos/netos, cuidam também de várias outras crianças, filhos/as de vizinhos. Isso é especialmente importante porque no bairro não há nenhuma creche – que é uma das principais reivindicações dos moradores do bairro, ao lado de transporte público na parte alta, escola pública após o 5º ano e melhorias no posto de saúde e na segurança. O vídeo foi produzido pela equipe coordenadora do projeto com as falas e fotos das próprias jovens (que participaram da seleção e edição das fotos, alterando contraste, fazendo cortes, inserindo molduras), e apresentado em festa do Dia das Mães promovida pelo Semente.

As atividades seguintes foram um vídeo de homenagem a uma trabalhadora do Semente, Zaine, que estava deixando de coordenar a atividade de evangelização da qual as jovens participavam, e um outro, sobre moda e comportamento no bairro. No caso da homenagem a Zaine, foi realizado vídeo com câmeras fotográficas digitais, o que atraiu as jovens, por ser atividade nova. Entre os depoimentos que gravaram, destaca-se o de



Eliziane, que diz gostar muito da trabalhadora do Semente “porque ela não fica julgando a gente, ela dá conselho”. A afetividade foi a marca desse vídeo, mostrado depois pelas jovens na atividade de evangelização. Zaine é moradora do bairro, mora em frente ao Semente e tornou-se referência afetiva para as jovens. Foi substituída pela psicóloga da instituição. Além de gravar depoimentos, as jovens escolheram músicas (pagode e música gospel), pesquisaram fotos, inclusive no perfil do orkut da Zaine, de onde retiraram fotos, e escreveram frases no processador de texto e em programa de desenho – em parte aproveitadas no vídeo.

A última atividade, vídeo com fotos sobre moda comportamento no bairro, não havia sido avaliada até o momento de redação deste texto.

### **Conclusões**

Para analisar os valores expressos pelas jovens durante a oficina podemos partir de algumas questões assinaladas acima, como a importância de interpretar tais valores num quadro de relacionamento das jovens consigo mesmas e com o contexto econômico-social em que se inserem.

A autoafirmação e a tendência narcísica das jovens pode ser associada a duas questões: em primeiro lugar, à própria adolescência, à formação de personalidade, à configuração de gostos muito fortes nesse momento de vida; ao mesmo tempo, contudo, os elementos da tecnocultura aos quais se refere Muniz Sodré parecem ali se manifestar com extrema intensidade, em especial o que o autor denomina *tecnonarcisismo*, a apropriação midiática do narcisismo em que a identidade se dilui, ou se desfaz em detrimento de uma construção imagética de outro-de-si no espelho.

Na publicidade, na televisão, no espetáculo em geral – esferas de uma nova socialidade globalmente construída por efeitos imaginários e individualmente caracterizada pela auto-referência narcísica –, importam mais como base identitária a performance das mensagens e os posicionamento estético dos sujeitos-receptores do que definições de natureza conceitual. A mídia não é instrumento ou veículo (conceitual) de normas reproduzidas de algum lugar da vida social: ela própria, enquanto jogo infinito de reflexos de seu código, é moralidade público/privada, que se impõe por um indiciamento estético das situações (SODRÉ, 2002, p.190).

As jovens parecem manifestar essa auto-referência narcísica na elaboração das fotos, a todo momento. Mesmo quando já com domínio da máquina, e passada a excitação ou deslumbramento do início das atividades, o retorno a si mesmas era algo presente. Não havia, na discussão a respeito das fotos – ou seja, o que elas significam, o que elas representam – algo muito além do que as próprias fotos. Dificilmente se

obtinha a expressão de um conceito, de uma abstração a partir da imagem: é como se a imagem bastasse a si mesma, e não tivesse nenhum significado que a transcendesse.

O interesse em compor fotos de si mesmas mostrou-se em certa medida ser decorrente da possibilidade de postá-las posteriormente no orkut. A visibilidade – e o tipo de visibilidade – proporcionada em grande medida por esse site de relacionamentos parece conduzir a forma de compor as fotos, de si e dos outros. Essa nova forma de socialidade – baseada em determinada forma de apropriação das tecnologias digitais – mostrou-se também de maneira intensa.

A superação dessa dimensão narcísica se deu na medida em que a oficina conseguiu sensibilizar, ou fazer despertar sua sensibilidade, para o entorno das jovens, para outra dimensão, de relacionamento humano presente também no seu cotidiano. Desta maneira, embora elas se mostrassem resistentes em alguns momentos a desenvolver certas atividades – que talvez buscassem fazer relação mecânica entre um conceito e a sua representação em fotografias -, houve em várias outras ocasiões não apenas adesão, participação, mas mesmo entusiasmo pela atividade, sem faltar sensibilidade na composição de fotos.

Portanto, seria talvez precipitado inferir que a relação que as jovens estabeleceram com a atividade de produzir fotografias se deu exclusivamente desta ou daquela maneira, apenas a partir de um comportamento narcísico, pautado, principalmente, pelos meios de comunicação e pela sociedade de mercado e de consumo, ou seja, segundo valores hegemônicos. Embora isso em grande parte tenha sido presente, verificou-se também a presença da valorização do bairro, de seus moradores, da denúncia das condições precárias em que elas mesmas vivem – implicando a sua aceitação mas também a sua recusa. Aquilo que apareceu nos relatórios dos bolsistas como “indisciplina” nos parece claramente a rejeição de sistemas de imposição de normas, vistas (ou, melhor, sentidas) como formas de controle, realizado por parte de “outros” “contra” elas.

Assim, podemos entender que o comportamento e os valores expressos pelas jovens e suas fotografias são mostra de uma cultura popular. Que, como diz Marilena Chauí, não se caracteriza necessariamente nem pelo seu caráter contestador, nem de aceitação de valores hegemônicos. Talvez – ao menos o que nos pareceu na análise dessa oficina – os dois aspectos ao mesmo tempo. De forma contraditória, dialética.

Na medida em que forneceu equipamento e outros elementos para que as jovens produzissem fotografias e vídeos, com temas que tiveram participação ou mesmo foram



definidos exclusivamente por elas próprias – e não apenas produtos audiovisuais, mas a convivência com outros grupos sociais, com os quais elas até então não haviam tido oportunidade de contato mais intenso – entendemos que a experiência se constituiu em prática de cidadania cultural. Aliás, isso se aplica em relação a todos os participantes das atividades, as jovens e os demais participantes: professor, bolsista de apoio técnico e bolsista de extensão. Foi atividade de ação cultural, atravessada pelos padrões de mercado – e não poderia ser de outra forma – mas que representou uma possibilidade de expressão daquele grupo de jovens, como forma de comunicação, de produção e troca de experiências marcadas pelo exercício do direito à cultura.

### Referências bibliográficas

- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo : Perspectiva, 1974.
- CANCLINI, N. G. "Cultura transnacional y culturas populares. Bases teórico-metodológicas para la investigación". Em: Canclini, N. G., e Roncagliolo, R. **Cultura transnacional y culturas populares**. Lima : IPAL, 1988.
- CHAUÍ, M. "Cultura do povo e autoritarismo das elites". Em VALLE, E., e QUEIROZ, J.J. (orgs.). **A cultura do povo**. São Paulo : Cortez e Moraes, 1979.
- CHAUÍ, M. **Cidadania cultural**. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2006.
- MOTA, C. G. **Ideologia da cultura brasileira**. São Paulo : Ática, 1978.
- PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Atlas Social – Juiz de Fora: Diagnóstico. Juiz de Fora : Prefeitura de Juiz de Fora, 2006. 294 p. Disponível em <http://www.atlassocialjf.pjf.mg.gov.br>  
Acesso: 10 jun 2008.
- SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis : Vozes, 2002.
- SODRÉ, M. **Reinventando a cultura**. A comunicação e seus produtos. Petrópolis : Vozes, 1996.
- TEIXEIRA COELHO. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo : Iluminuras, 1997.
- TEIXEIRA COELHO. **Usos da cultura**: políticas de ação cultural. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1986.